

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/n9ws-dz63>

A reforma luterana: Wittenberg e Roma na via do diálogo, quinhentos anos depois¹

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES[†]

A 31 de Outubro deste ano, haverá na catedral de Lund (Suécia) uma celebração ecuménica evocativa do 5.º centenário da Reforma de Lutero², na qual participarão os representantes máximos do Lutherischer Weltbund (LWB) e também o Papa de Roma³. O evento marca oficialmente o início do jubileu da Reforma, ocorrido em 31 de Outubro de 1517. Se há 500 anos um Papa excomungava Lutero, agora Roma e Wittenberg irão afirmar o propósito de contribuir para fomentar a viragem de página que começou há mais de 50 anos. Trata-se de uma caminhada longa com inúmeros problemas a resolver, depois de cinco séculos da separação iniciada com a publicação das 95 Teses e com a Bula *Exsurge Domine* de Leão X⁴, de 15 de Junho de 1520, que condenou 41 teses de Lutero, a que se

¹ O presente texto vem na sequência do que publicámos na *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 15, 2015, pp. 171-189, intitulado “Da Hermenêutica da Controvérsia Luterano-Católica ao Diálogo Contemporâneo. O 5.º Centenário das 95 Teses de Lutero” à luz do documento *Do Conflito à Comunhão. Comemoração Conjunta Luterano-católica da Reforma em 2017* (2013). Trata-se de uma declaração entre o Vaticano e a Federação Luterana, com 90 páginas, em seis capítulos, 245 artigos e 90 notas explicativas, que constitui uma excelente súmula dos temas principais acerca de Lutero e da Reforma e do estado atual das relações luterano-católicas, na circunstância da evocação do 5.º centenário das 95 Teses de Lutero. Lê-se na parte inicial do texto: “Esta evocação tem lugar em tempo de ecumenismo e de mundialização (§§4-15) e quando estamos em presença de novos pontos de vista sobre Martinho Lutero e a Reforma (§§16-34)”. O c. III traça um esboço histórico da Reforma luterana e da reação católica (§§35-90), o c. IV apresenta os temas principais da teologia de Lutero à luz dos diálogos luterano-católicos (§§91-218) e os c. V e VI falam de uma comemoração comum e apontam cinco imperativos ecuménicos (§§219-237 e §§238-245).

² Lutero nasceu a 10 de novembro de 1483 na cidade de Eisleben (Saxónia, Sacro Império Romano), onde veio a morrer a 18 de fevereiro de 1546. Além dos livros, *Apelo à nobreza da nação alemã, O cativoiro babilónico e Tratado da liberdade cristã*, deixou ainda uma vasta obra sobre temas teológicos, bíblicos e outros.

³ O Lutherischer Weltbund (LWB), em inglês Lutheran World Federation (LWF), é uma comunidade de Igrejas luteranas criada em Lund (Suécia) em 1947. Dela fazem parte cerca de 145 Igrejas que contam com mais de 72 milhões de fiéis espalhados por 98 países. O LWB resultou do Lutherischer Weltkonvent fundado em 1923.

⁴ Leão X, nascido João de Lourenço de Medici (em italiano Giovanni di Lorenzo de’ Medici), viveu entre 11 de dezembro de 1475 e 1 de dezembro de 1521 e foi Papa de 1513 até sua morte. Foi o último não-sacerdote a ser eleito Papa. É conhecido principalmente por ser o papa do início da Reforma Protestante e por ter sido

seguuiu, a 3 de Janeiro, a Bula *Decet Romanum Pontificem* que excomungava definitivamente o pai da Reforma. Também o imperador o expatriou do seu território, mas o príncipe-eleitor da Saxónia acolheu-o no castelo de Wartburgo. Não entramos aqui no enunciado de acontecimentos importantes de ordem religiosa, política, social e cultural, das polémicas permanentes e da atitude apologética que marcaram a implantação da Reforma e em que intervieram personalidades de relevo como Melanchthon, chamado o “praeceptor Germaniae” (1497–1560)⁵. As guerras religiosas, as disputas teológicas e outras, as condenações e polémicas, bastante duras de parte a parte, caracterizaram um longo período que ficou assinalado por sequelas na Alemanha, na Europa e também noutros continentes. O Concílio de Trento (1545–1563) e a Contra-Reforma foram, pelo lado católico, as duas referências mais relevantes de então e definiram a posição católica até ao Vaticano II⁶.

Mas o legado do ilustre professor de Wittenberg manteve-se vivo e atuante e continua a merecer dos fiéis e estudiosos o maior interesse. Nunca será exagerado sublinhar o valioso contributo dado pela Reforma, não só no campo religioso privilegiando a Fé (salvação pela Fé segundo Rom 1, 17) e a Palavra de Deus, mas também nas diversas áreas da cultura e noutros domínios. A tradução

o último papa a ter visto a Europa Ocidental totalmente católica. Era o segundo filho de Clarice Orsini e Lorenzo de Medici, o governante mais famoso da República de Florença. Seu primo, Giulio di Giuliano de’ Medici, viria a suceder-lhe como Papa Clemente VII (1523–34). Giovanni recebeu uma cuidadosa educação na corte de Lorenzo, foi colega de humanistas como Angelo Poliziano, Pico della Mirandola, Marsilio Ficino e Bernardo Dovizio Bibbiena. De 1489 a 1491 estudou teologia e Direito Canónico em Pisa sob instrução de Filipe Decio.

⁵ Filipe Melanchthon, propriamente Philipp Schwartzerd (Bretten, 16 de fevereiro de 1497 — Wittenberg, 19 de abril de 1560) evidenciou-se como filólogo, filósofo, humanista, teólogo e poeta neolatino. Professor universitário e reformador, colaborando com Lutero, tornou-se conhecido pelo epíteto de “educador da Alemanha” (Lehrermeister Deutschlands, “Praeceptor Germaniae”) por ter criado escolas alemãs e também organizado e reformado as que havia. O mesmo epíteto já fora atribuído a Rabanus Maurus (ca. 780–856), intelectual alemão e arcebispo de Mogúncia, e voltou a ser concedido a Siegbert Tarrasch (1862–1934). Melanchthon mostrou-se profundamente desgostoso com o baixo nível da instrução durante a Idade Média, sentimento expresso no seu *De Miseriis Paedagogorum*, livro em que relata o triste estado em que se encontrava a Alemanha. — Deixou uma obra notável de que se destacam *Institutiones Graecae grammaticae* 1518; *Loci communes rerum theologiarum* 1521; *Unterricht der Visitatoren an die Pfarrherren im Kurfürstentum Sachsen* 1527; *Confessio Augustana* 1530; *Apologie der Confessio Augustana* 1531; *Tractatus de potestate et primatu Papae (Traktat über die Gewalt und den Primat des Papstes)* 1537.

⁶ Salientamos os documentos *Lumen gentium*, *Unitatis redintegratio*, *Dei Verbum* e *Dignitatis humanae*, respetivamente sobre a Igreja, o ecumenismo, a Palavra de Deus e a liberdade religiosa.

da Bíblia para vernáculo contribuiu para a fixação da língua alemã moderna e dos catecismos e de tantos escritos que foram sendo produzidos herdaram os povos evangelizados um tesouro de inestimável valia para a sua promoção cultural⁷. Lembre-se igualmente a valorização da música sacra para uso litúrgico, tendo o próprio Lutero escrito vários corais em alemão (*Recueil de Wittenberg*). Bach tornou-se depois o principal compositor de corais luteranos.

A Luterischen Weltbund e a Igreja de Roma têm mantido durante os últimos 50 anos um diálogo frutífero, de que dão testemunho alguns documentos aprovados pela Comissão que, desde 1980, tem realizado um importantíssimo trabalho⁸. As duas confissões participaram nas evocações dos 450 anos da Confissão de Augsburgo (1530), em 1980, e do centenário do nascimento de Lutero, em 1983⁹. Os resultados mais significativos encontram-se na *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*, oficialmente assinada em 1999, que foi aceite pelo Conselho metodista mundial em 2006. Esta declaração pôs termo ao contencioso fundamental sobre as verdades da doutrina da justificação, que faziam parte importante da Reforma. Foi um passo decisivo, que, além de dar a esperança de

⁷ Rómulo de Carvalho no seu livro *História do ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 711, nota 67, ao tratar do analfabetismo em Portugal diz: "Os valores numéricos relativos ao analfabetismo nos diversos países europeus demonstram irrefutavelmente a influência que sobre eles tem a opção religiosa. Em 1881, o número de analfabetos na Suécia, nação protestante, cifrava-se em 0,4%. Em 1881! Pela mesma época a Alemanha apresentava 0,51%, a Inglaterra e a Escócia 1,00%; a Noruega, 0,08% e a Dinamarca, 0,36%. Tudo países de religião protestante. Nos países de religião católica, como Portugal, eram, na mesma altura do século XIX, 68% em Espanha, 42% na Itália, 38% na Áustria, 28% na Irlanda e 17% na Bélgica" (em Portugal a taxa era, em 1911, de 75,1%). Rómulo de Carvalho recolheu esses números de Salvado Sampaio (*O Ensino Primário I*, p. 79) que os transcreve de Agostinho de Campos (*Educação e Ensino*, Porto, 1911, p. 249). Acrescenta que este último autor atribui à Companhia de Jesus a responsabilidade da elevada taxa de analfabetismo.

⁸ Vários foram os relatórios e textos relativos a Lutero e a Melanchthon de entre os quais destacamos: Martinho Lutero, testemunha de Jesus Cristo (Declaração para o 500.º aniversário de Lutero, 1983), *Documentation catholique*, 1983, pp. 694-697; Face à unidade: modelos, formas e etapas da comunhão eclesial luterano-católica, *ibid.* 1987, pp. 294-319; Igreja e justificação (1993), *ibid.* 1994, pp. 810-858; A Apostolicidade da Igreja (2007), *Serviço Informação*, n.º 128 (2008/I-II); Declaração comum sobre a doutrina da justificação, assinada por representantes da Igreja católica e a Federação Luterana Mundial (Lutheranischer Weltbund, LWB), 31 de outubro de 1999; e o já referido Do Conflito à Comunhão (2013). E em 31 de outubro de 2015 foi aprovada a Declaração ao longo do caminho (Declaration on the way) pela Conferência Episcopal dos Estados Unidos e pela Igreja Evangélica Luterana.

⁹ Entre os muitos atos celebrativos dessa efeméride recordamos que a Herzog-August Bibliothek de Wolfenbüttel organizou então várias ações em algumas das quais participámos. Importante é o *Katalog der Wolfenbütteler Luther-Drucke 1513 bis 1546*, elaborado por Maria von Katte. Datenbank von Christian Knoop. Wolfenbüttel, Herzog August Bibliothek, 2006.

unidade das Igrejas cristãs, em particular a anglicana e a ortodoxa, permitiu também abrir o caminho para a celebração comum entre protestantes e católicos do único Senhor da Igreja.

Neste contexto, importa referir que um dos pontos a ter em consideração é o da evolução do dogma, ao qual os teólogos têm sabido responder de forma convincente e sensata¹⁰. Para isso, tornou-se necessário proceder primeiramente a algumas reflexões filosóficas, apreciar o ponto de partida de uma solução teológica, analisar as teorias da evolução do dogma e considerar as suas forças motrizes. Como escreve W. Kasper: “A reflexão sobre a verdade que permanece, salva e liberta, e que é fornecida pelo dogma, é o objecto da dogmática”.

Se é certo que aquilo “que aconteceu no passado não pode ser alterado, também não oferece dúvidas que aquilo que se recorda do passado e o modo como sucedeu, pode no decurso do tempo ser modificado”, lê-se no documento “Do Conflito à Comunhão” (2013):

“O que aconteceu no passado não pode ser alterado. Mas aquilo que se recorda do passado, e o modo como sucedeu, pode no decurso do tempo ser modificado. A recordação toma presente o passado. Enquanto o passado é imutável, já a presença do passado no presente pode ser alterada. Olhando para 2017, trata-se não de escrever outra história, mas de a narrar de outra forma (II, 16).”¹¹

¹⁰ Vid. W. Kasper, Dogma/Développement du dogme, *Dictionnaire de Théologie*, dir. de P. Eicher, Paris: Cerf, 1988, 119-128; e os trabalhos de G. Thils, L'Évolution du dogme dans la théologie catholique, *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 28, 1952, pp. 679-682; H. Walgrave, Newman. Le développement du dogme, *Revue de l'histoire des religions* 155, n.º 2, 1959, pp. 260-261; K. Rahner, Zur Frage der Dogmenentwicklung, *Schriften zur Theologie* 1, 2.ª ed., Einsiedeln: Benziger 1967, 49-90. De referir ainda, os estudos de K. Barth, M. Blondel, I. M. Elze, J. R. Geiselman, K. Lehmann, H. de Lubac, W. Pannenberg, E. Poulat, H. Rondet, E. Schillebeeckx, G. Söll e J. Ratzinger.

¹¹ O investigador dispõe hoje de fontes fundamentais para o estudo da Reforma e da Contra-Reforma: *Archiv zur Weimarer Ausgabe der Werke Martin Luthers (AWA)*, *Concilium Tridentinum. Diariorum, Actorum, Epistolarum, Tractatum nova Collectio*. Edidit Societas Goerresiana, Freiburg i. Br. 1901 ss (CT), *Corpus Catholicorum (CC)*, *Corpus Reformatorum (CR)*, *Deutsche Geschichte in Quellen und Darstellung*. Vol. 3: *Reformationszeit* pp. 1495–1555, ed. de Ulrich Köpf (DG), *Enchiridion Symbolorum, Definicionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum* de H. Denzinger, ed. de P. Hünermann, latim-alemão, (ES), *Revisionsnachtrag (RN)*, *Weimarer Ausgabe, Schriften (WA)*, *Weimarer Ausgabe, Briefe (WAB)*, *Weimarer Ausgabe, Deutsche Bibel (WADB)*, *Weimarer Ausgabe, Tischreden (WATR)*.

L. DE MARTINHO LUTERO. UM DESTINO DE LUCIEN FEBVRE (1928) AO DISCURSO DO PAPA BENTO XVI EM ERFURT (2011)

Sobre o monge agostinho de Erfurt escreveu Lucien Febvre, em 1928, um notável livro, intitulado *Martin Luther. Un destin*, acerca do qual Jean Chapout teceu em 2013 um excelente comentário¹² que aqui transcrevemos: Depois de encarecer o notável papel de Lucien Febvre na chamada “École des Annales” o professor de Grenoble evidencia alguns aspectos interessantes:

A tese de Lucien Febvre sobre Lutero

En 1917, Lucien Febvre a suivi avec intérêt les commémorations qui ont marqué les 400 ans des 95 thèses de Wittenberg, date de naissance de la réforme luthérienne. Contre la légende noire d’un Luther démoniaque, promue par les catholiques, et la légende dorée du héros allemand, Febvre part à la recherche d’un Luther plus authentique. Il fait justice d’un certain nombre d’idées reçues: non, Luther n’était pas obsédé par le trafic des indulgences (la rémission des peines promise aux fidèles en échange d’argent); non, son voyage à Rome en 1510 ne fut pas aussi décisif qu’il le dit; non, il n’a pas nécessairement voulu rompre avec l’idée de catholicité¹³.

O retrato de Lutero

Febvre brosse le portrait d’un Luther humain, trop humain, vulgaire et intelligent, angoissé et courageux. C’est bien l’histoire d’un homme, et non d’un géant, que l’auteur retrace: celle d’un moine préoccupé par son salut et qui, ne trouvant pas les réponses à ses questions dans la doctrine d’une Église qui exploite ce que Jean Delumeau appellera la “pastorale de la peur”, en vient à prôner, après tant d’autres, la réforme. Febvre présente donc Luther comme le parfait exemple d’un processus d’individuation qui voit la naissance de l’individu¹⁴.

¹² *Mensuel*, 392 (set. 2013), p. 96. Lucien Febvre, *Martin Luther, un destin*, Paris, P.U.F. com posfácio de Robert Mandrou. O livro foi traduzido para português, por exemplo, em 1994, por Fernando Tomaz, Porto, Asa.

¹³ Vid. T. M. Lindsay, *Luther and the German Reformation*, Edinburgh: T. and T. Clark, 1900; e G. W. Forell, *The Luther Legacy*, Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1983. Foi uma viagem que deixou as piores impressões a Lutero. Ficou profundamente com vida luxuriosa de muitos, a decadência moral e a falta de interesse pela espiritualidade dos frades que visitou.

¹⁴ J. Delumeau, *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident XIIIe-XVIIIe siècles*, Paris; Fayard 1983.

Linhas de força do livro febvriano

Le “destin” de Martin Luther est cependant né de la rencontre entre la piété tourmentée, parfois désespérée, d’un homme seul face à son péché, et des désirs et peurs d’un monde, celui du Saint Empire romain germanique du XVIe siècle, dont le livre fait la biographie. Febvre sait en décrire les forêts profondes et les villes industrielles, où se côtoient des princes volontiers las de la tutelle impériale et romaine, un peuple porté à l’eschatologie messianique et des prélats bien trop gourmands des biens de ce monde. Alors que le thème de la “réforme” est presque aussi vieux que l’Église elle-même, Febvre montre comment, en rencontrant l’Allemagne de son temps, Luther a provoqué, à son corps défendant, la Réforme, ce grand schisme d’Occident.

Que resta?

Lucien Febvre livre ici une certaine idée de la biographie, qui allie le plaisir du roman servi par un historien-écrivain, et le sérieux de la science; qui conjugue histoire sociale, politique, économique et culturelle. Certes, ce texte de 1928 est daté: la recherche a depuis nuancé ce portrait de l’Allemagne moderne, et certains propos sentent leur époque et son essentialisme (‘Luther est en toutes choses de sa race et de son pays. Il est, foncièrement, un Allemand’...).

O contexto histórico

Mais, dans un contexte qui n’y était guère favorable, Febvre montre que, tout en étant soucieux de se mêler à la vie, l’historien sait se placer au-dessus de la mêlée: professeur à Strasbourg, l’auteur se garde de tout portrait à charge de l’Allemagne, et s’abstient de tout commentaire lors de la réédition de 1944, attitude notable qui contraste avec celle des patriotes de la Grande Guerre, engagés dans le procès du germanisme éternel, ou des nationalistes des années 1920 et 1930, aux lunettes embuées de germanophobie.¹⁵

¹⁵ Entre tantas publicações lembramos, além dos livros de Lortz e Jedin, o de Y. Congar (1983), *Martin Luther, sa foi, sa réforme*, e quase à distância de cem anos em relação a Lucien Febvre os dos cardeais R. Marx, arcebispo de Munique-Freising e presidente da Conferência Episcopal Alemã e da Comissão Episcopal da Comunidade Europeia (COMECE) e W. Kasper, cardeal emérito da Cúria e outrora presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, respetivamente *Kirche überlebt*, Munique: Kösel, 2015 e *Martin Luther. Eine ökumenische Perspektive*, Ostfildern: Patmos Verlag, 2016.

X

De uma importância particular se reveste o discurso do Papa Bento no convento de Erfurt, em Novembro de 2011, aquando da sua viagem à Alemanha (22-25 de Setembro de 2011). No encontro com os representantes do Conselho da Igreja Evangélica Alemã afirmou a certa altura as motivações de ordem espiritual que levaram Lutero a reagir e a afirmar uma nova visão da essência do cristianismo.

Was ihn umtrieb, war die Frage nach Gott, die die tiefe Leidenschaft und Triebfeder seines Lebens und seines ganzen Weges gewesen ist. „Wie kriege ich einen gnädigen Gott“: Diese Frage hat ihn ins Herz getroffen und stand hinter all seinem theologischen Suchen und Ringen. Theologie war für Luther keine akademische Angelegenheit, sondern das Ringen um sich selbst, und dies wiederum war ein Ringen um Gott und mit Gott.

Mais adiante falou da espiritualidade cristocêntrica de Lutero.

Luthers Denken, seine ganze Spiritualität war durchaus christozentrisch: «Was Christum treibet», war für Luther der entscheidende hermeneutische Maßstab für die Auslegung der Heiligen Schrift. Dies aber setzt voraus, daß Christus die Mitte unserer Spiritualität und daß die Liebe zu ihm, das Mitleben mit ihm unser Leben bestimmt.

2. AS INVESTIGAÇÕES SOBRE A IDADE MÉDIA E A REVISÃO DO CONHECIMENTO DO PASSADO. A HERANÇA MEDIEVAL DE LUTERO E A TEOLOGIA MONÁSTICA E MÍSTICA

Será muito diferente a comemoração de 2017 comparada com as evocações anteriores, em especial as de 1617 e de 1917 que consagraram Lutero como reformador tipo profeta e como herói nacional. Como já se disse atrás, nos últimos anos rasgaram-se novos horizontes sobre o agostinho Martinho e a Reforma, e também sobre a Igreja de Roma.

O resultado da investigação histórica sobre a Idade Média contribuiu em muito e de muitas formas para mudar a percepção do passado.

A Idade Média tardia já não é vista como um período histórico totalmente obscuro, como muitas vezes foi representado pelos protestantes, mas também não é concebido como um período plenamente luminoso, como sucedeu nas antigas descrições católicas. Esta época aparece hoje como tempo de grandes contrastes: de devoção exterior e de profunda interioridade, de teologia orientada para as obras no sentido do *do ut des* e de absoluta convicção da total dependência do homem da graça de Deus; de indiferença relativamente às obrigações religiosas — mesmo àquelas relativas ao ofício eclesiástico — e de profundas reformas, como em algumas ordens monásticas. A Igreja não era uma realidade, uma entidade monolítica, pois no *corpus christianum* conviviam teologias, estilos de vida e concepções da Igreja muito variadas e diversificadas. Os historiadores dizem que o séc. XV foi uma época de especial fervor religioso na Igreja. Durante este período cada vez mais leigos tiveram a possibilidade de receber uma boa instrução, o que fez nascer neles o desejo de ouvir sermões mais perfeitos e de uma teologia que os ajudasse a levar uma vida cristã condigna. Lutero aproveitou estas correntes teológicas e devocionais e desenvolveu-as depois.

Também as investigações históricas acerca de Lutero levadas a cabo pelos católicos levaram a concluir que ele era uma personalidade de intenso fervor religioso e um homem rigoroso na oração.

A literatura católica sobre Lutero foi durante quatro séculos influenciada por Johannes Cochlaeus, conselheiro do duque Jorge de Saxónia e adversário de Lutero, seu contemporâneo¹⁶: o papel de Cochlaeus na divulgação da figura de como relata o documento em apreço:

Cochlaeus, também conhecido por Dobeneck, retratou Lutero como um monge apóstata, um destruidor da cristandade, um corruptor da moral e um herege. O resultado desta primeira reaproximação com a figura de Lutero, crítico mas compreensivo, foi o de libertar os estudos católicos de uma apreciação unilateral

¹⁶ Johannes Cochläus (Breslau, 1479–1552), humanista e teólogo, também conhecido por Dobeneck, que de amigo passou a inimigo acérrimo de Lutero escreveu *Brevis Germaniae descriptio tum a rebus gestis moribusque populorum tum a locorum situ*. Mas foram os seus *Commentaria de actis et scriptis Martini Lutheri* que se tornaram mais céleres. Esta obra marcou profundamente a opinião anti-Lutero que perdurou durante séculos. Vid. Remigius Bäumer, Cochläus, Johannes, *Theologische Realenzyklopädie (TRE)* 8, Berlin/New York: de Gruyter, 1981, pp. 140-146; Theodor Kolde, Cochlaeus; Johannes, *Realencyklopädie für protestantische Theologie und Kirche (RE)*. 3.^a ed., 4, Leipzig, 1898, pp. 194-200.

própria daquelas obras polémicas sobre Lutero. Lúcidas análises históricas realizadas por outros teólogos católicos mostraram que o que conduziu à divisão da Igreja não foram as questões cruciais de que se ocupou a Reforma, como a doutrina da justificação, mas antes as críticas movidas por Lutero à situação da Igreja do seu tempo, que tinham origem no estado de decadência em que se encontrava.

Ao chamar a atenção para a análise católica da figura de Lutero, o texto diz que o passo sucessivo foi a individuação da presença dos conteúdos análogos existentes em estruturas e sistemas de pensamento teológico diversos, em especial através de um confronto sistemático entre os teólogos mais representativos das duas confissões: Tomás de Aquino e Martinho Lutero.

Na Idade Média falou-se bastante de reformas monásticas, tendo sido o movimento mais importante no séc. X o que surgiu na Abadia de Cluny. O Concílio de Constança (1414–1418)¹⁷ considerou a reforma da Igreja “na cabeça e nos membros” e um documento amplamente difundido, intitulado *Reformation keyser Sigmunds*, invocava a urgência de retomar uma ordem justa em todos os aspetos da vida. Em finais do séc. XV a ideia de avançar com reformas chegou aos governos e às universidades. Valla ao contestar a autenticidade da *Donatio Constantini* (313) rasgou novos horizontes sobre a ideia reinante da cristandade como entidade dominadora e acima do poder temporal com uma hegemonia absoluta, digamos. Tal ideia perdurou até ao Vaticano II, que, pela primeira vez, sancionou oficialmente a liberdade religiosa e de consciência, e Paulo VI suprimiu o índice de livros proibidos.

A teologia monástica e mística é objeto de análise nos n.ºs. 99-101. A figura de Agostinho e o regresso à Sagrada Escritura e aos Padres da Igreja estavam presentes no espírito de muitos que viam a estrutura da Igreja afastada do Evangelho e da pureza original do cristianismo.

Relativamente a Lutero, diz o *Do Conflito à Comunhão*:

Lutero estava também profundamente enraizado na tradição mística do período tardo-medieval. Encontrou inspiração e apoio nos sermões alemães de

¹⁷ Ao Concílio de Constança que condenou Huss e Wiclef seguiram-se o de Florença (1439–1445) e o 5.º de Latrão (1512–1517) sob Júlio II (1503–1513) e Leão X (1513–1521). Ficou célebre a comissão “*Reformatio de emendanda Ecclesia*” de que faziam parte vários cardeais. O *Consilium de emendanda Ecclesia* de 1537 constituiu o relatório final, mas que na prática não obteve qualquer resultado de destaque. Ao mesmo tempo a Reforma avançava a passos gigantescos enquanto Roma permanecia indiferente ao que estava a acontecer.

João Tauler (f. 1361) e sentiu-se em grande sintonia com eles. Além disso publicou o texto místico “Theologia deutsch” (1518), escrito por um autor desconhecido, o qual teve larga difusão na Alemanha, graças à sua publicação por Lutero.

Tauler insere-se na série de místicos que apareceram quando a Escolástica se encontrava em profunda decadência e a vida eclesiástica conhecia uma fase bastante crítica, mais voltada para os aspetos terrenos e mundanos do que para a autenticidade evangélica. A letra sufocava o espírito. Sobressaíram mulheres como as três Catarina: de Siena, de Bolonha e de Génova, Brígida da Suécia e Juliana de Norwich. Todas elas mostraram a sua enorme insatisfação quanto ao estado em que se encontrava a Igreja. Mas foi na Alemanha em especial que surgiram figuras de proa imbuídas do desejo de modificar a situação. Lembramos os Gottesfreunde, Eckart, Tauler e Suso. Importante foi a teologia alemã ou *Der Frankfurter*, publicado pela primeira vez em 1516¹⁸. Nos Países Baixos destacou-se Ruusbroec (1293–1381) e a *Devotio moderna*, a partir de finais do séc. XIV, tornou-se um movimento relevante de renovação da espiritualidade nos Países Baixos e na Alemanha norte-ocidental. De lembrar ainda Geert Groote de Deventer (1340–1384) e os irmãos da vida comum, a congregação de Windesheim, comunidade reformada de Cónegos Regrantes Agostinhos, precursora de Lutero, do Calvinismo e de Erasmo. Os ideais de Windesheim, duramente atacados no Concílio de Constança pelos dominicanos, foram defendidos com vigor pelo célebre chanceler da Universidade de Paris entre 1395 e 1415, teólogo, pregador e homem político, Jean Gerson (1363-1429). Pensadores como Huss e Wiclef, condenados por heresia, manifestaram a premente necessidade de operar grandes reformas no seio da Igreja e fora dela.

A invenção da tipografia criou excelentes condições para a divulgação da cultura clássica, medieval e moderna, devendo dizer-se que sem ela tudo seria diferente. A tipografia foi um suporte de primordial relevância para a difusão de todos os géneros de temas. Os humanistas que apelavam ao regresso às fontes, à Sagrada Escritura e aos Padres da Igreja, defendiam o contacto direto com os textos originais, aos quais aplicavam o método histórico filológico e crítico, pondo de parte a Vulgata de S. Jerónimo. Além da intenção de chegarem à pureza dos textos primitivos, movia-os o propósito de uma renovação profunda da Igreja.

¹⁸ Peters, C., *Theologia deutsch*, *Theologische Realenzyklopädie* 33, 2002, pp. 258-262.

Podemos considerar Erasmo (c. 1469–1536) nos Países Baixos com o *Novum instrumentum* (1516), Lefèvre d'Étaples (c. 1455–1536) em França com o *Quintuplex Psalterium: Gallicum, Romanum, Hebraicum, Vetus, Conciliatum* (1509), Lorenzo Valla (+ 1457) na Itália com *Adnotationes in Novum Testamentum* (1505), Münster e Reuchlin na Alemanha com obras de índole filológica e bíblica de primordial interesse como os protótipos dessa tendência que depressa lançou raízes um pouco por toda a parte¹⁹. A Poliglota de Alcalá (1514–1517) impressa por ordem do Card. Cisneros e mais tarde a de Antuérpia (1568–1572) por Arias Montano constituíram marcos altamente da cultura bíblica, reveladoras das preocupações de crítica filológica e literária do objectivo de uma aproximação dos textos originais. De referir igualmente a divulgação de obras importantes de filólogos e exegetas judeus medievais, como Abraham Ben Ezra (1093–1167), Rashi (1040–1105) e David Qimchi (+ c. 1235). A estes intelectuais recorreram vários autores cristãos, como Sanctes Pagnino (+ 1541), Nicolau de Lira, (1270–1340) e Sixto de Siena (+ 1569), autores de obras notáveis, respetivamente *Thesaurus linguae sanctae*, *Postilla in totam Scripturam* e *Bibliotheca sancta* para só mencionar algumas. E destas se serviram os comentadores de Sagrada Escritura que proliferaram no séc. XVI. Os mais argutos, enveredando pelo sentido literal dos textos sagrados, comparavam a Vulgata com o texto masorético, com os LXX e outras fontes, mas à medida que o tempo passava a tendência passou a ser outra: perscrutar o sentido alegórico e místico. O humanismo cristão das origens passava a humanismo católico e mesmo protestante, ou seja a filologia e as letras humanas ficavam ao serviço da teologia perdendo assim a sua autonomia. Isso foi mais patente nos países que não aderiram à Reforma.

¹⁹ Sobre a Bíblia na Idade Média e no período das Reformas, vid. 4 e 5 da coleção “Bible de tous les temps”, dir. respetivamente por Pierre Riché-G. Lobrichon e G. Bedouelle-B. Roussel, Paris: Beauchesne, 1984 e 1989. Na abordagem do tema da Reforma importa evidenciar o papel de alguns humanistas alemães, como: em Wittenberg: Lutero (1483–1546); Heidelberg: Oekolampadius (1482–1531) e Melanchthon (1497–1560); Erfurt: Reuchlin (1455–1522), Staupitz (c. 1468–1524), Hutten (1488–1523) e Eck (1486–1543); Freiburg: Peutinger (1465–1547); Augsburgo: Pirckheimer (1470–1573); Leipzig: Emser (1478–1527); Tübingen e Basel: Wimpfeling (1450–1528), Meissen e Cochlaeus (1479–1552); Nürnberg: Bucer (1491–1551). E ainda: Agricola, Aventinus, Bebel, Brant, Vom dem Busche, Celtis, Divaeus, Franck, Gebwiler, Heresbach, Hesus, Von Hutten, Krantz, Meisterlin, Münster, Von Neuenahr, Nauclerus, Beatus Rhenanus, Rufus, Sabinus, Schedel, Sleidan e Spiegel. Vid. Wilhelm Kühlmann et alii, ed. (2005–2011), *Die deutschen Humanisten. Dokumente zur Überlieferung der antiken und mittelalterlichen Literatur in der Frühen Neuzeit*, Turnhout: Brepols, 3 vols. em 4 ts.

CONCLUSÃO

No termo deste trabalho, a questão essencial que se coloca é esta: quem foi Martinho Lutero e qual o seu significado para a actualidade? Ulrich Köpf no seu excelente livro *Martin Luther. Der Reformator und sein Werk*²⁰ começa por dizer que Melancthon descreve Lutero como instrumento sagrado de Deus e que muitos dos seus contemporâneos o consideravam homem de Deus comparável aos profetas Elias ou Daniel.

Depois da sua morte, iniciou-se a discussão acerca do autêntico Lutero, a qual durou até ao séc. XX. Prevalencia, contudo, a ideia nacionalista do “Lutero alemão” e do libertador do cristianismo. Mas vinha ao de cima o facto de ele ter sido condenado como herege e passar por falsificador e corrupto. O livro de Cochlaeus teve uma enorme influência na difusão da ideia destruidora do antigo monge agostinho. Os juízos eram positivos e negativos. Köpf concorda com o documento Do Conflito à Comunhão, ao escrever que no séc. XX, mercê de investigações aprofundadas, se pode concluir que o filho de Eisleben era fruto dos ideais renovadores que remontam a finais da Idade Média e que a sua espiritualidade, apesar de algumas atitudes incorretas, como a sua postura extremamente hostil aos judeus.

Com Lutero nasceu uma perspectiva nova acerca da relação de Deus com o homem e da liberdade de pensamento, da valorização da Palavra revelada e da espiritualidade.

Köpf, a terminar a sua análise, encarece o papel que a Reforma teve no campo cultural, particularmente no que concerne à língua alemã.

Eine der grössten Begabungen Luthers lag in seinem Umgang mit der Sprache, vor allem mit seiner Muttersprache. Durch seine zahlreichen deutschen Schriften, vor allem aber im jahrzehntelangen Ringen um eine deutsche Bibelübertragung hat Luther wesentlich zur Entstehung einer einheitlichen deutschen Schriftsprache beigetragen. Zur Wirkung seiner Deutschen Bibel in weiten Kreisen kam die seiner Kirchenlieder und seiner beiden Katechismen, die seine Gedanken weit über jene Gebiete verbreiteten, die sich der Wittenberger Reformation geöffnet hatten. Über

²⁰ Köpf, U., Martin Luther. Der Reformator und sein Werk, : Reklam, 2015.

seine zeitgebundenen Züge wie seine gewaltige Wirkung in der Vergangenheit hinaus gehört Luthers Werk zu jenen grossen sprachlichen Hinterlassenschaften, mit denen man sich immer wieder beschäftigen kann, um immer neue Entdeckungen zu machen. Geduldiger Lektüre erschliessen sich ihre Schätze: ein Reichtum an Gedanken und Formulierungen zu vielen Themen des menschlichen Lebens und eine religiöse Tiefe, die Luther eine einzigartige Stellung in der neueren Geschichte zuweisen²¹.

É neste contexto de reavaliação das fontes da Reforma e da Contra-Reforma que se situa o diálogo ecuménico e se inserem os já citados contributos dos cardeais alemães W. Kasper e R. Marx, e os livros de teólogos e pensadores das duas áreas em confronto.

De referir igualmente o interessante livro *Disputationen. Teil: 1, Reflexionen zum Reformationsjubiläum 2017. Nachdruck von Beiträgen aus Politika & Kultur, Zeitung des Deutschen Kulturrates* (2.a ed. revista e aumentada, Berlin: Deutscher Kulturrat e. V.), editado em 2015 por O. Zimmermann e Th. Geissler; e o lúcido artigo de G. Panmi SJ, “Cattolici e Luterani. L’ecumenismo nel’Ecclesie sempre reformanda”, publicado no penúltimo número de *La Civiltà Cattolica* (Roma 3985, 9 luglio 2016, 17-25).

Nas ingentes tarefas que o diálogo luterano-católico exige, há um instrumento relevante a salientar: a memória. Foi esta que registou os factos ocorridos ao longo de cinco séculos de tempo e que os coloca agora à consideração de todos para serem revistos e reapreciados. O prémio Nobel da Paz, Elie Wiesel (1928–2016), falecido no passado dia 2 de Julho, que sobreviveu ao Holocausto, sempre defendeu a ideia de que não se pode viver sem o passado: “Se esquecemos o passado, a humanidade fica mutilada”, disse numa entrevista a *Le Figaro*, em 1998. Nesse ano organizou um convénio internacional sobre

²¹ Tem aumentado nas últimas décadas o número de livros e artigos sobre Lutero e a Reforma nas suas diversas dimensões, sobretudo na Alemanha, da autoria de prestigiados autores como K. Aland, H. G. Anderson, O. Bayer, A. Beutel, H. Bornkamm, M. Brecht, Ch. Burger, I. Dingel, G. Ebeling, B. Hamm, P. Henning, H. P. Jüngens, H. Junghans, W. Card. Kasper, Th. Kaufmann, U. Köpf, K. Lehmann, M. Lienhard, B. Lohse, R. Card. Marx, B. Moeller, G. Müller, T. A. Murphy, H. A. Oberman, W. Pannenberg, O. H. Pesch, H. Schilling e R. Schwartz. Também nos diversos dicionários e enciclopédias, como em *Theologische Realenzyklopädie* (TRE), *Lexikon für Theologie und Kirche* (LTK), *Die Religion in Geschichte und Gegenwart* (RGG), encontramos dados importantes sobre Lutero, a Reforma e a Contra-Reforma e suas consequências.

“Memória e história”, através da Academia universal das culturas a que presidiu desde 1993, movido pela intenção de lutar contra a xenofobia, o anti-semitismo e toda e qualquer forma de discriminação. Aliás ele como judeu que era, bem sabia que a memória faz parte da tradição bíblica e da literatura judaica, em especial da Mishná e do Talmud, e de tantos escritores medievais e de sempre como Hannah Arendt.

O Papa Francisco, ao receber o prémio Carlos Magno, em maio do ano passado desenvolveu o tema “Que coisa te aconteceu, Europa?”, tendo recordado os pais fundadores da Europa: Schuman, Adenauer e De Gasperi, que sonharam uma Europa assente em princípios e valores que colocavam à frente da ‘res’ económica e financeira. Àquelas personalidades podemos acrescentar tantas outras que brilharam no passado. O Bispo de Roma citou Wiesel usando a expressão “transusão da memória”, que lhe era tão cara. Lembrava o Papa Bergoglio que a memória “nos liberta daquela tendência actual muitas vezes mais atraente de fabricar com rapidez sobre as areias movediças dos resultados imediatos que poderão tomar-se numa conquista política fácil, rápida e efémera, mas que não realizam a plenitude humana”.

Repetindo a citação do documento Do conflito à Comunhão:

O que aconteceu no passado não pode ser alterado. Mas aquilo que se recorda do passado e o modo como sucedeu, pode no decurso do tempo ser modificado. A recordação toma presente o passado. Enquanto o passado é imutável, já a presença do passado no presente pode ser alterada. Olhando para 2017 trata-se não de escrever outra história, mas de a narrar de outra forma

(II, 16)

Não resistimos ainda a aludir a um depoimento de Reinhard Marx na publicação do “Deutscher Kulturrat, Politik & Kultur” (4, 2015). Marx depois de afirmar que Martinho Lutero não quis a divisão da Igreja explica: o que sucedeu foi que “a mensagem do Evangelho tinha sido e continuava a ser deturpada” e ele pretendia recuperar o seu carácter original. Acrescentou que passados 50 anos de diálogo ecuménico é possível ler a outra luz os textos de Lutero e extrair deles preciosos ensinamentos, pelo que nunca será exagerado sublinhar a impressionante evolução verificada nestas cinco décadas.

Uma questão final: numa época como a nossa marcada pelo forte impacto de culturas e religiões, pelo laicismo, laicidade, agnosticismo e ateísmo, vale a pena reflectir sobre o significado da Reforma e da Contra-Reforma e quais os contributos que podem dar a essas realidades com as quais nos confrontamos.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 27 DE ABRIL DE 2017)

ABREVIATURAS

- Archiv zur Weimarer Ausgabe der Werke Martin Luthers (AWA)
- Concilium Tridentinum. Diariorum, Actorum, Espistolarum, Tractatum nova Colletion (CT)
- Corpus Catholicorum (CC)
- Corpus Reformatorum (CR)
- Deusche Geschichte in Quellen und Darstellung. Vol. 3: Reformationszeit 1495–1555, ed. de Ulrich Köpf (DG)
- Enchiridion Symbolorum, Definionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum de H. Denzinger, ed. de P. Hünermann, tatim-alemão (ES)
- Revisionsnachtrag (RN)
- Weimarer Ausgabe, Schriften (WA)
- Weimarer Ausgabe, Briefe (WAB)
- Weimarer Ausgabe, Deutsche Bibel (WADB)
- Weimarer Ausgabe, Tischreden (WATR)